



## MOTIM CONTRA O CANIBALISMO DA CIVILIZAÇÃO

*Para Norval Baitello Jr.*

Dietmar Kamper

Tradução Danielle Naves de Oliveira

### *Propósito*

O tema modelo orienta-se a partir da seguinte história: O Zeus cretense faz motim contra o canibalismo de seu pai, Kronos, Chronos. Foi somente mais tarde que Kronos foi contaminado<sup>1</sup> com Chronos, ou seja, Saturno, com o tempo, o sucumbir na melancolia com o movimento incansável. Contra os efeitos dessa contaminação dada à força, que pelos dois lados devora tudo o que é vivo, deixando apenas o vazio, o deus mortal rebelou-se primeiramente de modo a deixar o “velho” comendo pedra em lugar de pão e carne e, finalmente, com violência. Nessa insurreição do filho contra o pai canibal, o que se rebela é o viver contra o sobreviver, a mortalidade contra a eternidade. Mas talvez Kronos, um Chronos enganado, não possa ser vencido. Como meios dos deuses olímpicos, astúcia e razão não estão de maneira alguma à altura do canibalismo da Civilização, dentro da qual exercem o mesmo papel. Zeus deve arriscar sua própria mortalidade para escapar da barriga do pai-sistema. A vida, no que diz respeito ao que a torna possível, não é o vencedor, mas sim um corpo com duração limitada, que há milênios apareceu no Mediterrâneo sob a forma do deus mortal e continua esperando por realização.

---

<sup>1</sup> N.T.: Aqui o autor faz um uso incomum e pertinente do verbo contaminar (kontaminieren), para designar a junção ou confusão dos mitos de Kronos e Chronos, sendo o primeiro o deus titânico e, o segundo, a personificação do tempo linear para os gregos.





### 1. *Auto-estranhamento como consequência da Civilização*

O título “Motim contra o canibalismo da Civilização” é emprestado, mais exatamente de Klaus Modick, que publicou um comentário homônimo sobre o livro *Mardi*, de Hermann Melville. Com o auxílio de uma viagem inventada, Melville descreve nesse livro sua fantasia de fuga de um mundo quase fechado. A própria Civilização é designada como “canibal”, como barriga devorante do sistema, de onde é difícil escapar, praticamente impossível. Para tal, seriam necessários meios ainda não experimentados. Motim contra esse tipo de canibalismo poderia consistir em uma escrita que não seja digerida pelo sistema, que não se faça comensurável, posto que em seu centro ela é incompreensível e segue uma outra lógica que a da dominação e do triunfo.

A passagem da apropriação do mundo via razão e astúcia para a rastreada impossibilidade de continuação dá-se devido a uma contradição produzida pela própria Civilização, a menos que esta seja exercida e compreendida como destruição. A ampliação do si como modelo para além de todas as fronteiras produz pouco a pouco uma dimensão insuportável de estranheza, que não pode mais ser atribuída ao “outro mau”, mas precisa principalmente ser posta em relação à atividade civilizatória do “si bom”. Apropriação cultural no sentido do *mainstream* depara-se aqui com uma outra atividade cultural, igualmente interna, que lhe coloca em enormes dificuldades. Se observada de fora, esta atividade pode ser caracterizada em três sentenças:

*No mais íntimo da Civilização manifesta-se uma selvageria.*

*No mais íntimo da razão acontece a loucura. No mais íntimo da apropriação cultural aparece algo absolutamente estranho.*

É difícil guardar esse tipo de encontro na memória. Paralelamente a Hermann Melville,





também Joseph Conrad, David Herbert Lawrence, Henry Miller e outros descreveram tal coração das trevas, *“the heart of darkness”*. No que diz respeito ao continente interior, o tema também surgiu com frequência em outras frentes. Num primeiro momento, tem a aparência do retorno do recaiado, como se a cultura fosse interpretável como grande neurose. No entanto, o que está ligado a esse profundo assombro e, por isso mesmo não pode ser imediatamente compreendido, é o fenômeno do rejeito no real<sup>2</sup> Então surge algo, como que vindo de fora, um auto-encontro sob a premissa da absoluta indecifrábilidade. A codificação não dá certo, apesar de todos os esforços. A significação fracassa. É um nada (e não “o” nada), apenas um motivo para assombro e falta de sentido. Selvageria, loucura, estranhamento aparecem no foco da imaginação, porém o núcleo real não existe. É um lugar vazio, presença da ausência. A ele se agrupa aquilo que desde Nietzsche tem se chamado estética da ausência. Aqui e agora acaba o arbítrio humano. Se bem que é possível prestar contas. Escrever como motim toma a direção desta auto-estranheza radical e executa passos irreversíveis da identidade para a diferença, da inteireza para a fragmentação, da unidade para a pluralidade, da fissura para a variedade, da praticamente finalizada homogeneidade do mundo para uma heterogeneidade incomensurável, que nunca foi alcançada e tampouco jamais poderá ser extinta.

## 2. O metabolismo canonizado e seu oposto

Permanece em aberto a questão se tal rebelião tem ou não êxito. Atualmente reforça-se a

<sup>2</sup> N.T.: No original: „Die Erscheinung des Verworfenen im Realen“. É importante aqui dar atenção aos termos “Erscheinung”, que significa tanto aparição como fenômeno, e “Real(en)”, neste caso uma referência do autor à categoria do real laciano, visto que a palavra alemã para designar uma realidade efetiva é Wirklichkeit





impressão de que, no fronte, a guerra está sendo perdida para fora e para dentro. Por isso as revoltas claramente não dão certo, porque o que está em questão não é vencer ou perder, mas a abolição da dialética do senhor e do servo, a saber, mais precisamente: a abolição da lógica dialética, que emprega a razão dominante para a fundação e consolidação de seu poder em todas as direções. A pergunta seria, antes, por que a guerra é atravessada de tal modo por tantas metáforas do devorar ou do ser devorado? A síndrome canibal agita-se outra vez sobre horizonte – seja no sentido do vômito por indigestão. Por que então antropofagia e antropoemia (vide Lévi-Strauss, *Tristes trópicos*) podem atuar hoje como grande esquematização de sentido da apropriação cultural? Uma importante chave para esta questão está sem dúvida no *Manifesto Antropófago* de Oswald de Andrade, de 1924. Num esboço objetivamente irônico e agudamente superficial, a devoração humana simbólica faz resistência contra o desmedido digerir da cultura européia-norte-americana. Ironia e superfície são incomensuráveis para a fúria do entendimento. Aquele que escreve pode se fazer tão venenoso a ponto de se tornar, literalmente, indigesto. Contudo é no horizonte, que através disso se abre, que aparecem os fundamentos ocultos da Civilização. A esse respeito, mais três sentenças:

*Os humanos são aparentados corporalmente, não espiritualmente. Os corpos mortais são lugares e tempos da não-identidade. A não-identidade tem o caráter do metabolismo.*

As frases são construídas em forma de teses sucessivas e combatem a opinião corrente de que o espírito é global e, de modo algum, um acontecimento local cujo alcance, no melhor dos casos, é médio; combatem ainda a opinião de que o corpo é uma máquina idêntica a si mesma, passível de ser suprimida. Contra isso, defende-se: que abaixo da limitação local das culturas, da limitação cultural das imagens e da limitação significativa da linguagem,





existe um real múltiplo, “carne do mundo” (Merleau-Ponty) que, pagando o custo da não-identificação, da não-objetivação e da não-apropriação, mantém coeso todo viver<sup>3</sup> Caso a terceira tese sobre o metabolismo também esteja correta, a perspectiva poderia ser ampliada como segue: sempre houve motivos suficientes para canonizar<sup>4</sup> o comer, o beber, o digerir e o evacuar e para achar tudo fascinante, ou seja, belo e assustador ao mesmo tempo. Isso escalou até chegar ao alimento divino: o metabolismo (intercâmbio de matéria e não de forma), entre deuses e humanos como “santo sacramento”; o deus mortal, que dá a si mesmo em sacrifício como alimento: Cristo, Dioniso, Zeus cretense. Por fim o deus mortal não é imagem, embora anteriormente o tenha sido, mas sim matéria.

Isso sugere uma outra gênese para o esquema fundamental do sentido: a dependência do corpo humano em relação à matéria do mundo nutre, por seu turno, a metáfora da religião e desemboca frequentemente na articulação de uma síntese social. Comer e beber do deus, a união sagrada é uma forma de socialização aceita durante séculos, também especialmente em sua versão não-sangrenta. Nisso culmina a relação entre violência e estética. Talvez também aqui se possa falar apenas minimamente em termos de náusea. Mas não se questiona o fato de que a teo-antropofagia tem sido a maneira menos agressiva de lidar com o mundo. Ela nunca esteve ligada somente à aniquilação, mas também à ressurreição, mesmo em vida e não após a morte. Tal visão abrange inclusive desde a comunhão do corpo até a comunicação maquínica, para só então

<sup>3</sup> N.T.: Em favor da clareza, a tradução sacrifica aqui a formulação poética do autor, que exagera propositalmente nas aliterações e separa cada termo por um “e” em vez de usar vírgula. No original: „Dagegen wird behauptet, daß es unterhalb der lokalen Borniertheit der Kulturen und unterhalb der kulturellen Borniertheit der Bilder und unterhalb der signifikanten Borniertheit der Sprache ein vielfältiges Reales gibt, das „Fleisch der Welt“ (Merleau-Ponty), das um den Preis der Nicht-Identifizierung und um den Preis der Nicht-Objektivierung und um den Preis der Nicht-Aneignung alles Leben zusammenhält“.

<sup>4</sup> N.T.: Canonizar, *heiligsprechen*, literalmente: proferir como sagrado.





desaparecer da memória e colocar em marcha aquela repetição enfadonha, que suga as experiências atuais sob o título de “reciclagem”.

É como se a negação, a repressão e a rejeição deste metabolismo corporalmente moderado tivessem finalmente conduzido ao tipo de canibalismo da Civilização que hoje predomina. Do mesmo modo que a negação da morte (segundo Baudrillard em *A troca simbólica e a morte*) conduz a mecanismos mortais para o termo da vida, a exclusão da corporeidade do contexto social também poderia conduzir à insaciedade inexorável e voraz do sistema. Tal diagnóstico teria primeiro de ser solucionado, para que as questões seguintes, imediatamente subjacentes, se tornem importantes.

### 3. Corporeidade num mundo virtual

Revolta contra o canibalismo da Civilização significa também decidir-se contra a primeira, segunda e terceira abstração em favor do contato com a matéria, enfim, de um viver radicalmente corporal. A primeira abstração do corpo é a da linguagem sem corpo; a segunda, da imagem sem linguagem; a terceira, do signo sem imagem. Tudo o que diz respeito ao rastro e ao rastrear torna-se pequeno diante de tal des-escalada do material. Deste modo, aquele que quiser contradizer o último signo sem imagem, pode fazê-lo somente através de um materialismo *avant la lettre*, um materialismo sem abstração. Juntamente, o corpo precisa ser aceito como alteridade, como *corpus absconditum*, pois somente sob esta máscara consegue escapar do torturante pensamento em forma de reservatório, crescido ao ponto de um incomparável autismo mental. Enquanto isso, as premissas da abstração tornaram-se óbvias. O coletivo imaginário de proporções mundiais é uma imensa bolha, uma pura imanência sem exterior, uma prisão feita de imagens de liberdade, oca como o mundo, entendida como esfera interna. Aqui, o real acontece somente como assombração, fantasma, distúrbio, desastre. E é com a seguinte pergunta





que começa a se colocar a pior de todas as alternativas: será o caráter circundante do tempo um tipo de proteção no invólucro materno ou um canibalismo nos intestinos do pai?

A atual tentativa de instalação de um mundo virtual descarado opera não mais através da repressão de corpos imagéticos, mas pelo desencadeamento de imagens corporais. Onde no lugar de corpos ainda há apenas imagens de corpos, faz-se prevalecer sutilmente a proibição ao toque que acompanha a história européia. Onde, apesar disso, a transgressão acontece, ela assume formas assombrosas. A violência escala; pode-se entendê-la como prova empírica de um mundo não-virtual. Por isso não existe paz mediática. O conflito entre o imaginário, que arrisca tudo, e a tomada de partido pelo real é irreconciliável. O canibalismo do sistema trans-domina a significação lingüística e imagética, forçando os humanos falantes e sonhantes a quebrarem simbolicamente o pescoço do significante erigido. Revida-se, por assim dizer, para contra-atacar o canibalismo da Civilização e, de repente, está-se emaranhado em novos rituais de coação e medo, mesmo já se sabendo que o círculo vicioso se fortalece em vez de se desfazer. Tornar-se indigesto, na luta contra o envenenamento geral, é um mau destino que não se deveria lisonjear. Ao defender o lado exterior, não se sai mais do ciclo enfeitiçante interno produzido através da defesa. Palavras e imagens são cada vez mais incapazes de alcançar suas fronteiras na direção do significado, enquanto cada contato efetivo, corporal, sentiu em comum o *pendant* para as pontas dos dedos.

Que antes as coisas também funcionavam de outro jeito, constata-se com os versos tomados do poeta persa Dschaleddin Rumi: “Desde que o amor a você com música começou, ora sou a mão que toca a corda, ora sou a corda, dia e noite<sup>5</sup>.”

<sup>5</sup> N.T.: Citado em alemão pelo autor: „Seit die Liebe zu dir mit Musizieren be-gann, bin ich einmal die saitenschlagende Hand, einmal die Saite, Tag und Nacht.“ (*apud* Dissertation von Sassan Ghafouri)





Otzberg, 2 de janeiro de 1999

